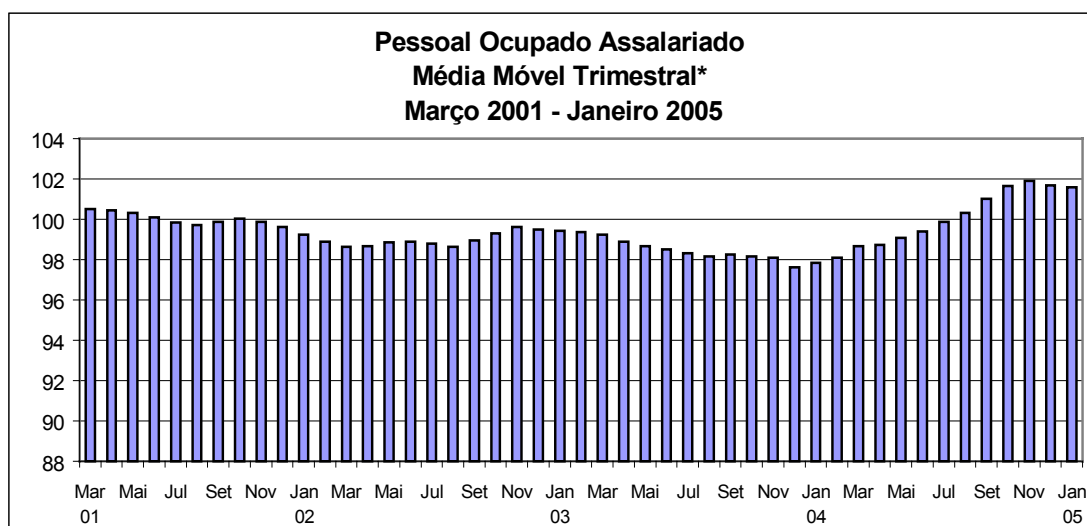


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O ano de 2005 se inicia com o emprego industrial mostrando aumento de 0,4% em relação a dezembro, na série livre de influências sazonais, após três meses consecutivos de variações negativas. Em relação a janeiro de 2004, o acréscimo de 3,2% mantém uma seqüência de onze taxas positivas, e o acumulado nos últimos doze meses passa de 1,8% em dezembro para 2,2% em janeiro.

O indicador de média móvel trimestral, com pequena variação negativa de 0,1% nos trimestres encerrados entre janeiro e dezembro, sinaliza estabilidade.

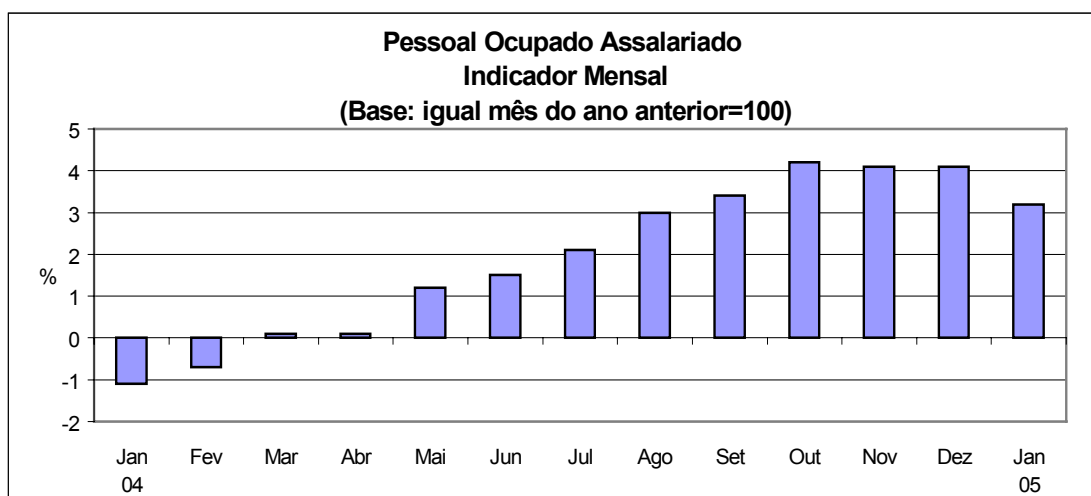


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

No índice mensal, as admissões superaram as demissões em doze dos quatorze locais pesquisados. Na formação da taxa global de 3,2% as indústrias de São Paulo (2,6%) e Minas Gerais (5,3%) responderam, mais uma vez, pelas principais contribuições positivas. No primeiro estado, observa-se crescimento do emprego em onze segmentos, com máquinas e equipamentos (13,8%) e meios de transporte (13,5%) exercendo as principais influências. Na indústria mineira, o total de pessoas ocupadas aumentou em quinze ramos, com

destaque, em termos de participação, para produtos de metal (32,6%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (20,2%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Do lado contrário, Rio Grande do Sul (-1,2%) representou a principal contribuição negativa, pressionado pelo resultado de sete setores, sobressaindo calçados e couro (-13,9%) e outros produtos da indústria de transformação (-8,6%). Rio de Janeiro foi o outro local que apresentou taxa negativa (-1,0%), após três meses de resultados positivos. Observa-se na indústria fluminense decréscimo do emprego em oito segmentos, principalmente em vestuário (-10,2%) e produtos de metal (-18,8%).

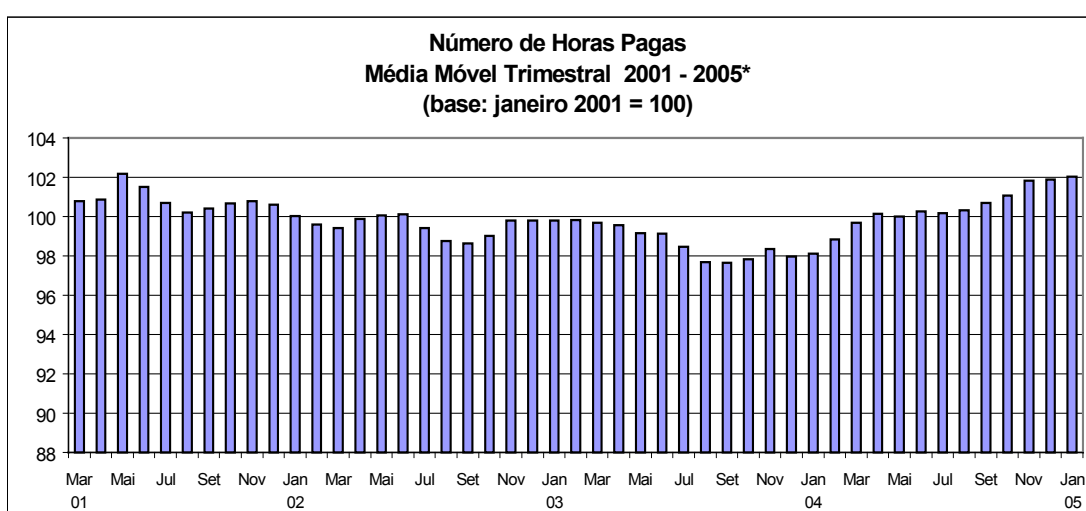
Ainda no confronto mensal, no total do país, treze dos dezoito setores ampliaram o contingente de trabalhadores, sendo as principais pressões no cômputo geral representadas por alimentos e bebidas (5,9%), meios de transporte (13,3%) e máquinas e equipamentos (9,4%). Em sentido oposto, destacaram-se as influências negativas de calçados e couro (-5,7%) e vestuário (-3,5%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses prossegue em suave trajetória de crescimento há dez meses consecutivos, atingindo 2,2%, em janeiro. Doze locais e doze setores contribuíram positivamente para este resultado. Os principais destaques, em nível regional, foram São Paulo (1,8%) e Minas Gerais (4,9%). Os setores de máquinas e equipamentos (14,0%), alimentos e bebidas (4,1%) e meios de transporte (8,9%) exerceram as pressões mais significativas no índice nacional.

## NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em janeiro, o índice de horas pagas aos trabalhadores da indústria recua 0,9% em relação a dezembro, na série livre de efeitos sazonais. Os indicadores mensal e acumulado nos últimos doze meses apresentam crescimento de 2,9% e 2,4%, respectivamente. A jornada média de trabalho registra pequena queda de 0,3% no mensal e leve alta nos últimos doze meses (0,2%).

O crescimento observado em janeiro, na comparação com mês anterior, contribuiu para a manutenção da estabilidade no indicador de média móvel trimestral, que apresenta avanço de 0,2% entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

No índice mensal, o número de horas pagas da indústria registrou expansão de 2,9%, resultado inferior ao de dezembro (4,8%). Esta performance contou, sobretudo, com os desempenhos positivos de doze dos quatorze locais e também doze dos dezoito ramos pesquisados. No corte setorial, as maiores pressões positivas vieram das atividades de alimentos e bebidas (6,5%), meios de transporte (13,2%) e máquinas e equipamentos (8,9%). Por outro lado, os impactos negativos mais relevantes foram os de calçados e artigos de couro (-6,9%) e vestuário (-3,2%).

Ainda segundo o indicador mensal, os locais que apresentaram os maiores impactos positivos no resultado nacional foram São Paulo (2,6%), região Nordeste (4,7%) e Minas Gerais (4,8%). Na indústria paulista, oito das dezoito atividades pesquisadas aumentaram

o número de horas pagas, com destaque para máquinas e equipamentos (13,5%), meios de transporte (14,8%) e alimentos e bebidas (9,5%). Na região Nordeste as indústrias de alimentos e bebidas (3,2%) e de calçados e artigos de couro (8,3%) exerceram as maiores pressões positivas; e em Minas Gerais, o aumento mais expressivo veio de produtos de metal (32,9%). As duas únicas influências negativas no cômputo geral foram Rio Grande do Sul (-1,8%) e Rio de Janeiro (-2,5%), onde os segmentos de calçados e artigos de couro (-18,3%) e vestuário (-11,6%) foram, respectivamente, os principais responsáveis pelos decréscimos destas regiões.

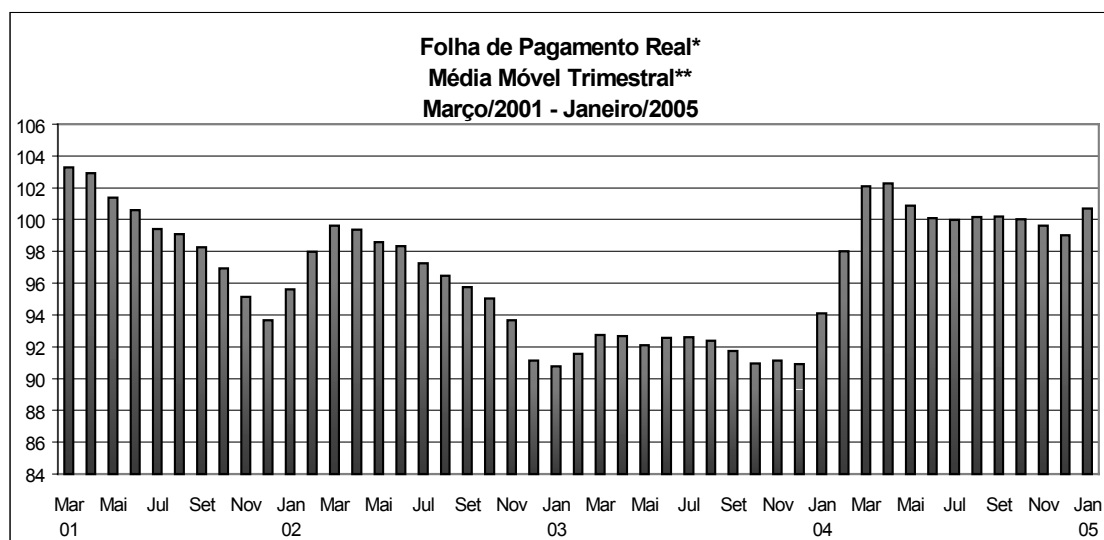
Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses do número de horas pagas registra crescimento de 2,4% em janeiro, dando continuidade à trajetória ascendente iniciada em fevereiro de 2004. Contribuíram para este resultado, principalmente, as elevações observadas em doze das quatorze regiões e também em doze dos dezoito setores industriais pesquisados. Os locais responsáveis pelos maiores impactos positivos foram São Paulo (2,1%), Minas Gerais (5,6%) e região Norte e Centro-Oeste (5,1%). As duas pressões negativas vieram do Rio de Janeiro (-3,4%) e Rio Grande do Sul (-0,6%). Em termos setoriais, os aumentos mais relevantes vieram de máquinas e equipamentos (14,9%), meios de transporte (10,4%) e alimentos e bebidas (3,3%). Por outro lado, as indústrias de vestuário (-7,3%) e produtos de metal (-3,3%) tiveram as principais contribuições negativas.

#### **FOLHA DE PAGAMENTO**

O indicador da folha de pagamento real do pessoal ocupado na indústria mostra, no início de 2005, um crescimento de 6,2% em relação a dezembro de 2004, já descontadas as influências sazonais. Este comportamento elevado de janeiro pode ser explicado, sobretudo, pela associação do pagamento de benefícios relativo à férias, com o efeito positivo da inflação sobre a evolução desta variável: em dezembro de 2004 a inflação, medida pelo IPCA, foi de 0,86% enquanto que em janeiro deste ano, cai para 0,58%.

Este movimento de expansão é confirmado pelo índice de média móvel trimestral que mostra um avanço de 1,7% no valor real da folha de pagamento entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro, interrompendo a trajetória de desaceleração iniciada

em outubro. Vale destacar que neste tipo de indicador a folha de pagamento real assinala o patamar mais elevado para os meses de janeiro, desde o início da série da pesquisa em 2001.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da Indústria

\*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

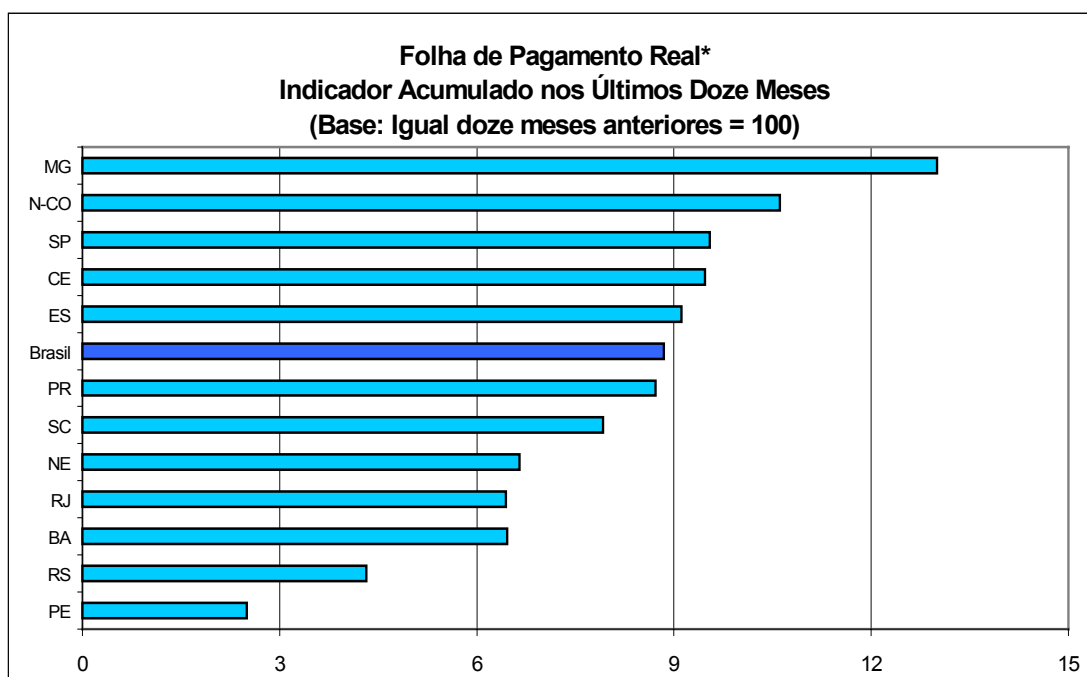
\*\* Série com ajuste sazonal

Nas demais comparações, o valor da folha de pagamento industrial prossegue apresentando crescimento: 5,0% em comparação a janeiro do ano passado e 8,8% no acumulado nos últimos doze meses. Em relação à folha de pagamento média real, esses indicadores também registraram índices positivos: 1,8% e 6,4%, respectivamente.

Ante janeiro de 2004, o valor da folha de pagamento real registrou aumento de 5,0%, com crescimento em doze dos quatorze locais pesquisados. Para a formação desta taxa, a maior contribuição positiva novamente foi assinalada por São Paulo (5,3%), onde nove dos dezoito setores apresentaram resultados positivos, com destaque para a forte expansão observada em meios de transporte (17,6%) e máquinas e equipamentos (18,7%). Em termos de magnitude da taxa, o principal destaque regional foi o Ceará (13,8%) que teve o valor da folha salarial real impulsionado pelo acréscimo observado, principalmente, em calçados e couro (22,9%) e alimentos e bebidas (25,3%). Acima da média nacional (5,0%), destacam-se ainda: Minas Gerais (9,6%), Paraná (8,8%), região Norte e Centro-Oeste (7,4%), Santa Catarina (6,4%) e Espírito Santo (6,0%). Abaixo da média nacional figuram: região Nordeste (4,8%), Bahia (4,5%), Rio Grande do Sul (2,6%), Pernambuco (-1,3%) e Rio de Janeiro (-5,7%).

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve aumento real na folha de pagamento em quatorze dos dezoito setores industriais investigados. As maiores influências positivas foram observadas em meios de transporte (16,0%), máquinas e equipamentos (14,1%) e alimentos e bebidas (8,6%). Em sentido contrário, os quatro ramos que apresentaram decréscimo no valor da folha de pagamento real foram indústrias extrativas (-18,9%), papel e gráfica (-4,4%), minerais não-metálicos (-2,9%) e outros produtos da indústria de transformação (-2,7%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses (8,8%) mostra ligeira desaceleração no ritmo de expansão frente ao fechamento de 2004 (9,1%). Também neste confronto, as indústrias de São Paulo (9,5%) são as que mais pressionam positivamente a taxa global, influenciadas sobretudo pelos ganhos assinalados em máquinas e equipamentos (41,7%). Minas Gerais (13,0%) e a região Norte e Centro-Oeste (10,6%) são as que registram os maiores avanços, em razão, principalmente, dos acréscimos revelados por metalurgia básica (15,9%), na primeira, e alimentos e bebidas (14,0%), na segunda.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da Indústria

\*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

No que se refere à folha de pagamento média real da indústria, o indicador acumulado nos últimos doze meses (6,4%) resulta inferior ao assinalado no final de 2004 (7,0%) e apresenta expansão em todos os locais, com os índices variando entre o 1,8% registrado em Pernambuco e os 8,7% no Rio de Janeiro. Em nível setorial, dos dezoito setores pesquisados, apenas têxtil (-0,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (-2,7%) assinalaram decréscimo, cabendo à máquinas e equipamentos (11,6%), calçados e couro (6,5%) e vestuário (6,2%) os avanços mais intensos no total do país.